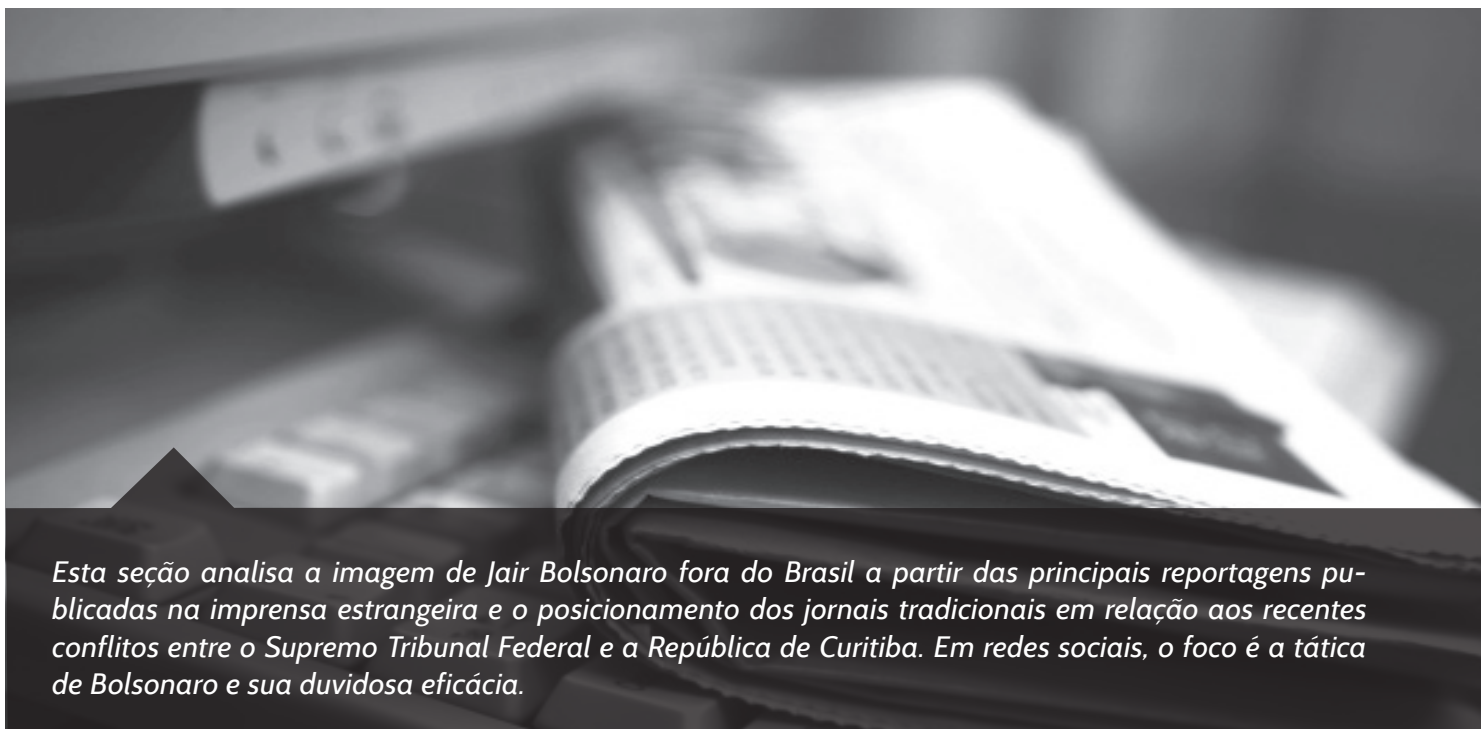


COMUNICAÇÃO



Esta seção analisa a imagem de Jair Bolsonaro fora do Brasil a partir das principais reportagens publicadas na imprensa estrangeira e o posicionamento dos jornais tradicionais em relação aos recentes conflitos entre o Supremo Tribunal Federal e a República de Curitiba. Em redes sociais, o foco é a tática de Bolsonaro e sua duvidosa eficácia.

Imprensa estrangeira

Fora do Brasil a imagem de Jair Bolsonaro não é das melhores. Pelo menos, na forma como os veículos de jornalismo mais tradicionais o tratam. Recentemente, ele declarou que seu governo é de centro-direita. A mídia brasileira sequer comenta qual é o posicionamento político do presidente, já os jornais estrangeiros o classificam como um político de extrema-direita, nacionalista e populista. E não é só. Frequentemente, ele é lembrado por suas declarações homofóbicas, racistas e por fazer apologia à ditadura militar brasileira.

Em função da visita diplomática aos Estados Unidos, Bolsonaro foi alvo de diversas reportagens. Muitos veículos mencionaram semelhanças entre ele e o presidente estadunidense Donald Trump, que brincou com o fato de Bolsonaro ser conhecido como o “Trump dos trópicos”. Um dos pontos em comum citados é o uso do Twitter para fazer comentários que gerem polarizações por serem polêmicos. O veículo que mais trabalhou nesse sentido foi o *The New York Times*, mencionando, inclusive, que Bolsonaro é autoritário e que Trump tem demonstrado admiração por líderes com essa característica.

A visita aos Estados Unidos rendeu a publicação de

notícias essencialmente negativas para Bolsonaro porque, de acordo com a avaliação de jornalistas e diplomatas, o governo brasileiro cedeu demais, não conseguiu atingir os seus objetivos principais – como mais espaço para a exportação de açúcar e o fim de sanções à carne brasileira – e recebeu apenas promessas de Donald Trump. Uma delas, a aproximação com a Organização do Tratado do Atlântico Norte, a Otan, já foi criticada por um ministro de Estado francês, de acordo com notícia publicada pelo jornal português *Diário de Notícias*. Seguindo a publicação, o ministro francês afirmou que é impossível qualquer associação do Brasil à Otan.

O jornal inglês *The Guardian* mencionou que na avaliação de diplomatas, a forte aproximação com Donald Trump pode ser um tiro no pé no momento em que os EUA estão em guerra comercial com a China, que é o maior parceiro comercial do Brasil.

A postura adotada por Jair Bolsonaro rendeu a publicação de um artigo no *New York Times* que foi escrito pela integrante do conselho editorial do jornal, Carol Giacomo, no qual ela afirma que “O novo presidente do Brasil ameaça os ‘pulmões do planeta’”. Outras publicações no mesmo sentido foram feitas mundo afora. O *The Guardian* menciona que

os indígenas estão sob risco no governo Bolsonaro, o francês *Le Monde* publicou reportagem com a mesma mensagem.

Além das negociações duvidosas com os Estados Unidos e o risco para o meio ambiente, Bolsonaro ainda foi mencionado pelos jornais por causa da sua publicação no Twitter sobre o carnaval, em que ele postou um vídeo escatológico para criticar uma das festas brasileiras mais tradicionais. A atitude foi notícia no mundo inteiro. O *Le Monde* definiu bem o ocorrido: Bolsonaro lançou uma “bomba escatológica” em seu Twitter. O texto observa que ele faz um uso frenético das redes sociais e que isso tem ajudado a minar a sua popularidade. Já o *The Guardian* afirmou que o tuíte foi uma reação do presidente às críticas que recebeu dos foliões nos blocos e das escolas de samba.

Embora o assunto tenha sido tratado no mundo todo, nem todos os grandes jornais publicaram sobre a ida do ex-presidente Lula ao velório de seu neto, Arthur. Dezenas de veículos, em diversos países, publicaram informações como as do *The Guardian* que, além de explicar o ocorrido, mencionou que Lula já havia sido impedido de ir ao velório de um irmão e que a sua prisão dividiu o Brasil entre os que acreditam que ele deveria ser preso e aqueles que consideram que a sua detenção é injusta e sem provas. O jornal espanhol *El Mundo* disse que mesmo sem uma convocação oficial, uma multidão foi até o cemitério para homenagear Lula e que se ouvia o grito de “Lula livre”. Além disso, a fala de Lula sobre levar “para o céu o diploma de inocente” quando fosse reencontrar o seu neto, foi reproduzida em jornais na China, Cuba, Espanha, Reino Unido, Venezuela e em outros países.

Apesar de o auge da polêmica relacionada à prisão do ex-presidente ter passado após as eleições, o conteúdo das reportagens mostra, mais uma vez, que no exterior a perspectiva continua a ser a de que a sociedade brasileira está dividida com relação à condenação de Lula e que milhões defendem que ele é vítima de um processo injusto. Esse tipo de análise passa longe da grande mídia brasileira que, ao contrário, faz de tudo para não tratar do assunto e tenta ignorar as opiniões de juristas que são críticos às condenações.

República de Curitiba na mídia tradicional

A decisão do Supremo Tribunal Federal, em 14 de março, de que crimes comuns, como corrupção, associados a crimes eleitorais, como caixa 2, devem ser julgados pela Justiça Eleitoral foi objeto de análise em editoriais da *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, que manifestaram posições divergentes a respeito.

O mais crítico à República de Curitiba, curiosamente, foi o *Estadão*. No texto publicado em 17 de março, “A Lava Jato e a Lei”, argumentou que a decisão do STF apenas reafirmou a jurisprudência daquela corte. De acordo com o jornal, o que ameaça a Lava Jato “é o pendor de alguns de seus integrantes para agir à margem da lei, quer julgando-se acima dela, quer interpretando-a de acordo com suas convicções ou necessidades. Esse comportamento tende a colocar em questão a legitimidade das ações relacionadas à operação.”

O editorial ainda afirma que há tempos ficou claro que o objetivo da operação não é apenas combater a corrupção, mas sanear a política nacional, citando a ascensão do ministro Sérgio Moro ao posto como exemplo dessa mudança de rumo. E criticou o argumento de Moro segundo o qual a Justiça Eleitoral não estaria adequadamente estruturada para julgar casos criminais mais complexos. “Mais uma vez, trata-se de exotismo jurídico: se a lei manda que certo tipo de crime seja julgado por determinado tribunal, não cabe escolher arbitrariamente outro tribunal apenas porque alguém da Lava Jato considera este mais bem preparado que aquele. Como disse o ministro Celso de Mello em seu voto no Supremo, o norte deve ser a lei, e não a busca pragmática de resultados”.

Já o editorial publicado em 13 de março pela *Folha de S.Paulo* “Lava Jato em xeque” - um dia antes do julgamento do STF e um dia depois que o Ministério Público anulou o acordo firmado entre a força-tarefa da Lava Jato e a Petrobras que resultaria na criação de uma fundação privada gerida por procuradores - mostra outra visão. Ao mesmo tempo que a *Folha* apoia o argumento de que a manutenção dos crimes comuns na Justiça Eleitoral coloca em jogo o combate à corrupção, pois faltam expertise e estrutura a esse ramo do Judiciário para lidar com investigações complexas, o texto critica os procuradores pela tentativa de

criar o fundo de combate à corrupção e questiona a credibilidade da operação.

“Após cinco anos de existência, nada mais natural que se multipliquem os sinais de desgaste da Lava Jato. Atritos são inevitáveis numa operação que testou os limites da lei para descobrir até onde poderia ir com delações premiadas, conduções coercitivas e prisões provisórias, para ficar em três exemplos. A ainda recente guinada do ex-juiz federal Sergio Moro rumo ao Ministério da Justiça, que nada tinha de inevitável, também contribuiu para colocar em risco parte da credibilidade merecidamente acumulada pela operação.”

A *Folha* também publicou duas reportagens detalhando o desgaste da operação em decorrência de derrotas sofridas recentemente, incluindo, além das duas mencionadas, o anúncio pelo ministro Dias Toffoli, presidente do STF, de que seria aberto um inquérito para investigar a existência de fake news, ameaças e denúncias caluniosas, difamantes e injuriantes que atingem a honra e a segurança dos membros da Corte e de seus familiares.

O Globo, em editorial publicado no dia 13 intitulado “O julgamento no STF que pode prejudicar o combate à corrupção”, argumenta que a Justiça Eleitoral “não tem estrutura para enfrentar altas delinquências no desvio de dinheiro do contribuinte e sua posterior lavagem por esquemas sofisticados, cuja elucidação requer parcerias com procuradores e juizes de outros países, por exemplo”. O texto ignora a derrota sofrida no dia anterior pelos procuradores na questão do fundo.

O modus operandi de Bolsonaro nas redes

Durante os últimos dias houve inúmeras publicações polêmicas realizadas por Bolsonaro. Para além da discussão sobre publicações, temas específicos e ataques contra segmentos da sociedade, é interessante observar a proposta comunicacional que é utilizada pelo presidente.

Modus operandi: A “esquerda institucional” poderia ser derrubada usando uma mistura de exposição, entretenimento e indignação. A receita: ache um ponto fraco no segmento ou instituição que você está contra - nesse caso o carnaval. Compile evi-

dências que suportem seu ponto de vista particular - aqui, a atitude de pessoas no carnaval. Elabore de um jeito que provoque a ira na audiência - por exemplo, os protagonistas seriam a população e os vilões identificados como público LGBT, estimulando uma reação furiosa da esquerda progressista e uma contra-reação ainda mais forte da direita. Empacote isso com elementos como câmeras caseiras e a ideia de escândalo, por exemplo. Divulgue como sendo algo escandaloso, que a mídia tradicional não cobre e oculta por interesse próprio.

Esse método - extremamente barato - foi usado por Andrew Breitbart em inúmeras de suas denúncias. Em tempo: o Breitbart News foi fundado por Andrew Breitbart, controlado por Steve Bannon e financiado por Robert Mercer. No episódio, que se passa no verão de 2009, dois estudantes conservadores de jornalismo na casa dos 20 anos visitaram inúmeros escritórios da Acorn, uma ONG que advoga em benefício de pessoas mais pobres. A estudante se passou por uma prostituta e o estudante seria seu cafetão. Juntos, perguntaram a uma atendente da Acorn algumas dicas de como conseguir, por exemplo, usar a casa deles como um bordel.

Sem o conhecimento da equipe, eles usavam câmeras escondidas. Apesar de não capturarem nada ilegal, eles puderam filmar a equipe dando declarações comprometedoras. Como parte de uma estratégia previamente elaborada, Andrew Breitbart disponibilizou o vídeo para a Fox News, enquanto cobria o tema com profundo empenho em seu website. Em suma, com esse processo, os republicanos conseguiram retirar da Acorn o investimento federal, levando-os a falência em novembro de 2010.

Observam-se inúmeras tentativas de reproduzir esse tipo de debate no Brasil, com os mais diversos “bodes expiatórios” selecionados por Bolsonaro e sua família. Qual será a eficácia, no período pós-eleitoral, de tal tática? Pesquisa Ibope, divulgada no dia 20 de março, mostra que a eficácia está comprometida: por mais polêmicas e eficazes que sejam as publicações do atual mandatário da República, o eleitorado e quem o ajudou a se eleger esperam mais. Apoiadores cobram ações na área econômica e parceiros uma maior atuação no debate sobre a reforma da Previdência.